

UK FOCUS

Suplemento do *METHODIST RECORDER* em associação com *Alpha News*

Pura Ficção



Um número crescente dos frequentadores jovens dos Cursos Alfa na Holy Trinity Brompton tem apresentado assuntos referidos no livro “best-selling” O CÓDIGO DA VINCI. O orador Nicky Gumbel pronunciou-se sobre estas questões num recente sermão dominical. Eis uma versão escrita do que ele disse:

É o livro de ficção para adultos mais vendido de todos os tempos, segundo o The Daily Telegraph. “O Código Da Vinci”, publicado em Abril de 2003 vendeu milhões de exemplares, foi traduzido para dúzias de línguas, está para ser transposto para filme e fez de Dan Brown um multi-milionário.

O The New York Times descreve-o como decifrador de enigmas, transgressor de códigos, divertido, com “arrepios inteligentes”. Houve algum debate quanto aos méritos literários. Um crítico considera-o como “um soberbo arrepiante”. Outros fazem comentários menos lisonjeiros. Há quem o descreva como “pretensioso, condicionado, oportunista, arrogante, congratulando-se consigo mesmo, condescendente, volúvel, ilógico, superficial e divergente”.

Pode haver dúvidas sobre os seus méritos literários, mas não há dúvidas sobre o seu impacto. Um membro da nossa congregação escreveu alguns dos comentários que as pessoas lhe fizeram acerca do “Código Da Vinci”:

Um amigo que era simpático para o Cristianismo disse “Isto mostra que a Bíblia pode não ser rigorosa e que o texto foi mudado”.

Dos amigos Cristãos um disse “Isto quase me fez perder a fé”. Outro disse “Fez-me pensar que não tenho factos reais para anteceder a minha fé.”

Outro “Como pode uma novela – um trabalho de ficção – ter tal impacto?”

É uma ficção policial apresentada como uma novela histórica. É ficção e contudo tenta convencer o leitor de que é baseada em factos. Nas palavras do Cardeal George, Arcebispo de Chicago, é “inoportuno, mas para muitos é persuasivo.”

Assim, acerca de que é tudo isto? Não nos devemos perturbar com o enredo. Em muitos aspectos, isso é irrelevante para as questões teológicas.

Este não é o local para examinar a exactidão das descrições dos variados lugares mencionados, por exemplo o Castelo de Villette, perto de Paris, o Hotel Ritz, o museu do Louvre, a igreja dos Templários e muitos outros.

Apesar de esta narração ter levado a um aumento do turismo e das visitas a estes locais, o rigor das descrições é por vezes duvidoso. Nem nós temos espaço para temas colaterais: os Cavaleiros Templários, Priorado de Sião, os trabalhos de Leonardo da Vinci, os ataques à Igreja Católica (“O Vaticano”) e à Opus Dei.

(Muito deste material vem do “The Holy Blood and the Holy Graal”, publicado em 1982, e Dan Brown sofre a ameaça de uma acção legal dos seus autores, Michael Baigent, Richard Leigh e Henry Lincoln.)

A raiz e o fundamento do livro são teológicos. De facto, é Cristológico. Todo o edifício é construído numa teoria acerca de Jesus. Tudo o resto só se torna relevante se houver algo nesta teoria.

1. QUAL É A PREMISA CENTRAL DO “CÓDIGO DA VINCI”?

Através dos seus caracteres, o “Código” afirma que “quase tudo que os nossos pais nos ensinaram acerca de Cristo é falso”. A Igreja Católica manteve os factos escondidos através da força e do terror. Jesus era de facto casado com Maria Madalena (que era o Apóstolo principal).

O Santo Graal não era o cálice usado na última ceia, mas o ventre de Maria Madalena que originou a filha de Jesus, cujo nome era Sara. Os seus descendentes tornaram-se Reis de França.

Jesus não era o Filho de Deus. Era um profeta mortal, um grande e poderoso homem de influência titubeante que inspirou milhões para uma vida melhor.

Ele era também um feminista radical. Era um bom homem que foi deificado pelo Imperador pagão Constantino em 325 d.C.

Antes disso, ninguém acreditava que Jesus era divino.

No Concílio de Niceia, em 325, Constantino promoveu-o a divindade. Ele tornou-se o Filho de Deus numa votação renhida. Isto transformou Jesus, de profeta mortal, numa divindade. A intenção de Constantino era dar poder à Igreja Católica-Romana.

Como é que “no terreno” ele chegou a esta conclusão?

O argumento é que os registos cristãos mais antigos não condizem com a Bíblia. Foi Constantino que coligiu a Bíblia como a temos agora. Ele comissionou e financiou a Bíblia, que omitiu os evangelhos que falavam dos traços humanos de Jesus e embelezou os Evangelhos que o fazem semelhante a Deus. Constantino rejeitou dúzias de outros “evangelhos” e reescreveu os quatro que estão nas nossas Bíblias. Milhares de evangelhos foram queimados e ilegalizados, mas alguns sobreviveram, por exemplo: Q, os manuscritos do Mar Morto e os documentos de Nag Hammadi.

A Igreja tem andado a esconder a verdade autêntica de Jesus. Esta é a maior conspiração e encobrimento dos últimos 2.000 anos. Rumores sobre esta conspiração foram sussurrados durante séculos em linguagens incontáveis – na arte, música e literatura – e mais dramaticamente nas pinturas de Leonardo da Vinci.

O segredo permanece protegido até hoje por uma irmandade clandestina da qual Leonardo da Vinci era membro. O Cristianismo tal como o conhecemos é uma fraude gigantesca.

2. SERÁ QUE O PRÓPRIO DAN BROWN ACREDITA QUE TUDO ISSO É VERDADE?

Aqui há uma certa ambivalência. A novela começa com uma “página de factos” que acaba por proclamar que “todas as congregações, documentos, arquitectura e rituais secretos desta novela são exactos”.

Presumivelmente, isto inclui os documentos do Novo Testamento e outros que referem Jesus. Torna-se possível que alguns leitores possam interpretar isto como significando que as conclusões que ele tira acerca de Jesus tenham base em “factos”.

O *website* de Dan Brown declara que “acredito que as teorias discutidas têm mérito”. Ele não afirma que elas são exactas ou verdadeiras, mas discorda “dos que tentam desaprovar o Código Da Vinci”. Descreve-se a si mesmo como um Cristão, mas distinguindo-se dos que aceitam “a Bíblia como um facto histórico imutável”. Ele diz “Cada um de nós segue o seu próprio caminho de iluminação. Considero-me a mim próprio um estudante de muitas religiões”.

3. QUAL É A EVIDÊNCIA DELE? EXISTE ALGUMA PROVA DE UMA VERSÃO DO CRISTIANISMO ANTERIOR ÀQUELA QUE TEMOS NO NOVO TESTAMENTO?

O Código Da Vinci cita três fontes. São descritas como o conjunto “dos registos cristãos mais antigos”. O livro diz:

Alguns dos evangelhos que Constantino tentou erradicar conseguiram sobreviver. Os “Rolos do Mar Morto” foram encontrados em 1950 escondidos numa caverna perto de Qumran, no deserto da Judeia. E, é claro, os “Rolos Coptas” em 1945, em Nag Hammadi. Além de contarem a verdadeira história do Graal, estes documentos falam do ministério de Cristo em termos muito humanos... Estes rolos esclarecem notórias discrepâncias históricas, confirmando claramente que a Bíblia moderna foi compilada e editada por homens que possuíam uma agenda política – promover a divindade do homem Jesus Cristo e usar a Sua influência para solidificar a base do seu próprio poder.

i. Q. O “Código Da Vinci” descreve o lendário documento Q – um manuscrito que até o Vaticano admite que acredita existir. Alegadamente, é um livro com os ensinamentos de Jesus, possivelmente escrito pela sua própria mão.

Nisto nada há de novo, excepto a sugestão de “Q” ter sido escrita por Jesus. Q é a hipotética fonte dos evangelhos sinópticos onde Mateus e Lucas mostram grande semelhança um com o outro, mas não com Marcos. Consiste principalmente em palavras pronunciadas por Jesus. Isto é principalmente referido pela escola Alemã, como a Quelle (fonte). No século XX, a hipótese Q era a base de quase todos os estudos sérios sobre a origem e desenvolvimento das tradições do Evangelho.

Se existe ou não tal documento (escrito) isso é, de certo modo, irrelevante. O ponto principal é que sabemos “grosso modo” o que constava de “Q” pelos Evangelhos de Mateus e de Lucas. Por isso, aqui nada há de novo, e certamente nada há que venha abalar a nossa confiança nos documentos que já temos no Novo Testamento. “Q” nada acrescenta ao que já temos e certamente não contradiz os Evangelhos tal como os temos.

ii. Os Rolos do Mar Morto foram encontrados em 1947, perto de Qumran. Contêm três coisas.

- Todo o Antigo Testamento Bíblico, excepto Ester. Por exemplo, tem a mais antiga cópia conhecida de Isaías.
- Comentários bíblicos, salmos e hinos.
- Material pertencendo às ideias da própria comunidade (os essénios).

É verdade que os atrasos na publicação podem levar a teorias da conspiração, de que os rolos conteriam informação que iria minar o Cristianismo. Contudo, já não é possível tal afirmação, pois não há evidências textuais para apoiar essa reivindicação.

Todos os Rolos estão agora publicados em inglês e podem ser comprados em qualquer boa livraria. E não contêm nenhum evangelho. Nem há qualquer referência a Jesus, Paulo ou João Baptista.

Contêm interessantes informações sobre os antecedentes do Novo Testamento. Mas não têm com ele nenhuma relação directa. Longe de serem antigos relatos Cristãos, nem sequer são relatos Cristãos.

iii. Os documentos de Nag Hammadi. Em 1945 dois camponeses do Alto Egipto encontraram uma jarra, quando cavavam. Partiram-na, julgando que continha ouro. Dentro, encontraram códices de papiro.

Um deles, Muhammad Ali, embrulhou os livros na sua túnica, montou no camelo e levou-os para a minúscula choupana na aldeia em que vivia. Quando os documentos acabaram por vir à luz, descobriu-se que eram papiros do séc. IV manuscritos em língua copta. Havia 12 códices e 8 folhas de um 13º códice.

Continham 45 títulos separados, escritos em copta e traduzidos do grego. Provinham de uma biblioteca gnóstica, e são a mais importante contribuição para o nosso conhecimento do gnosticismo.

Gnosticismo é um movimento difícil de definir. Talvez algo semelhante ao movimento Nova Era de hoje, era esotérico, descentralizado e eclético.

Foi o maior desafio à inexperiência da Fé Cristã dos II e III séculos. Havia numerosas variedades, mas no centro estava um dualismo radical entre o espiritual e o material. O reino material era encarado como mau.

Do desconhecido Bem Supremo provinha uma série de emanações ou “éons” – seres espirituais exaltados capazes de comunicar com o Bem Supremo.

Um dos éons mais baixos, que não tinha contacto com o Bem Supremo, foi o responsável pela Criação. Assim, a criação, se não era totalmente má, era pelo menos desajustada e ignorante – uma esfera da qual os seres humanos devem escapar.

E o único meio de escapar era através da “gnose” – o conhecimento secreto do verdadeiro Deus. A Salvação é pela superação da ignorância, através do auto-conhecimento.

A função do Cristo era vir como emissário do Deus Supremo, trazendo a “gnose”. Como Ser Divino, Ele não podia assumir um corpo autenticamente humano, nem morrer. Ele talvez pudesse ter habitado temporariamente um ser humano (Jesus) ou então assumiu uma forma humana meramente fantasmagórica.

O nosso conhecimento do gnosticismo foi grandemente aumentado pela descoberta dos documentos de Nag Hammadi.

Não há nenhum “segredo” sobre tais documentos (ao contrário do que insinua o Código Da Vinci). Novamente, estes podem ser comprados nas boas livrarias.

A tradução definitiva dos escritos gnósticos de Nag Hammadi foi editada por James M. Robinson em 1977 (publicada por Harper San Francisco). Estes não são realmente evangelhos, de nenhum modo. Os “evangelhos” gnósticos são textos não-históricos e mesmo anti-históricos, com pouca narrativa ou sentido cronológico.

Foram escritos gerações depois dos factos, embora proclamem conhecimento secreto e directo desses factos. Muita dessa pseudepigrafia, na melhor hipótese é um artifício literário, e na pior uma fraude.

Por outras palavras, pretendem ter sido escritos pelo apóstolo Tomé, quando foram escritos muitas décadas, ou talvez séculos depois da sua morte.

O “Código Da Vinci” cita especialmente três “evangelhos” como prova:

O “Evangelho” de Tomé

Trata-se de uma versão Copta escrita por volta de 400 d.C., traduzida de um original grego (escrito provavelmente cerca de 150 d.C.). Não é semelhante aos Evangelhos canónicos. É histórico na sua forma, mas consiste numa série de ditos piedosos e discursos parabólicos de Jesus (por exemplo, as parábolas do semeador, do grão de mostarda, dos “rendeiros”, da ovelha perdida e várias partes do Sermão da Montanha). Como adicional, inclui outras afirmações que indiciam sinais de gnosticismo.

O “Evangelho” de Filipe

Este é outro tratado gnóstico encontrado em Nag Hammadi. Não contém narrativa, mas apenas alguns incidentes e ditos atribuídos a Cristo. Pode ter sido escrito apenas na segunda metade do III século. É este “evangelho” que contém a passagem na qual o “Código Da Vinci” se baseia para a sugestão de que Jesus era casado com Maria Madalena.

“E o companheiro de (...) Maria Madalena (... amou-a) mais do que (a todos) os discípulos (e costumava) beijá-la (muitas vezes) ... O resto dos (discípulos...) perguntaram-lhe “Porque a amas mais do que a nós?””

O “Evangelho” de Maria

Este pertence novamente ao género de diálogo gnóstico. Foi escrito originalmente em grego algures no II século.

A passagem com que o “Código Da Vinci” conta, está na página 333.

E Pedro disse “O Salvador falou realmente com uma mulher sem o nosso conhecimento? Será que todos vamos mudar e todos a ouvem? Ele prefere-a a nós? E Levi respondeu: “Pedro, tu sempre foste impulsivo. Agora eu vejo-te contender contra uma mulher como se fosse um adversário. Se o Salvador a fez merecedora, porque estás a rejeitá-la? Decerto o Salvador conhece-a muito bem. É por isso que ele a ama mais do que a nós”.

Daqui é tirada a conclusão “De acordo com estes evangelhos inalterados, não foi a Pedro que Cristo deu directamente instruções para estabelecer a Igreja Cristã. Foi a Maria Madalena”.

4. HÁ ALGUMA EVIDÊNCIA DE QUE JESUS FOSSE CASADO COM MARIA MADALENA?

Há pelo menos doze referências a Maria de Magdala (uma cidade na margem ocidental do Mar da Galileia) nos quatro Evangelhos. Mesmo os evangelhos gnósticos, tomados no seu valor, não sugerem que ele era casado. Nem mencionam uma criança.

Na verdade, é interessante notar que, enquanto o “Código Da Vinci” sugere que estes documentos eram anteriores aos do Novo Testamento, o “evangelho” de Filipe, de facto cita do Novo Testamento capítulos e versículos (por exemplo, 1 Coríntios 8: 1; 1 Pedro 4: 8; Mateus 15: 13). Isto é seguramente uma prova conclusiva de que o “evangelho” de Filipe foi escrito depois do Novo Testamento e não antes.

5. HAVERÁ ALGUMA EVIDÊNCIA PARA ESTA “FORMA ANTERIOR DO CRISTIANISMO” QUANDO “NINGUÉM ACREDITAVA QUE JESUS ERA DIVINO”?

A sugestão do livro é que antes do ano 325 ninguém acreditava que Jesus era divino.

Constantino comissionou e financiou a nova Bíblia que omitiu os evangelhos que falavam dos traços humanos de Cristo e embelezou os evangelhos que o faziam igual a Deus. Os evangelhos mais antigos foram ilegalizados, reunidos e queimados... Felizmente para os historiadores... alguns dos evangelhos que Constantino tentou erradicar conseguiram sobreviver. Os Rolos do Mar Morto foram encontrados em 1950, escondidos numa gruta perto de Qumran no deserto da Judeia. E, naturalmente, os Rolos Coptas em 1945 em Nag Hammadi. Além de contarem a verdadeira história do Graal, estes documentos falam do ministério de Cristo em termos muito humanos.

De facto, o caso é exactamente o contrário. Os evangelhos gnósticos tendem para o docetismo, omitindo os traços humanos de Cristo e embelezando-o para realçar a semelhança com Deus.

O Novo Testamento assume a plena humanidade de Jesus. Ele teve um corpo humano; teve fome, sentiu cansaço. Ele teve emoções humanas; zangou-se, amou, entristeceu-se. E também os autores do Novo Testamento actuam firmemente contra todos que insinuavam que Jesus não era completamente humano. Por isso, os factos são opostos àquilo que o Código Da Vinci sugere. Além disso, não é verdade dizer que antes de 325 d.C. ninguém acreditava que Jesus era divino.

As análises datam os Evangelhos no I século e indicam que eles são claramente anteriores às “construções” gnósticas. As Epístolas de S. Paulo são mesmo anteriores aos Evangelhos, e ele escreve por exemplo “Um só Senhor, Jesus Cristo, por meio do qual todas as coisas vieram” e “Ele é a imagem do Deus invisível. Por Ele, todas as coisas foram criadas”.

Também, muitos “Pais” da Igreja falam da divindade de Cristo. O “Código Da Vinci” falha na produção de fragmentos que dêem evidências credíveis de uma forma anterior de Cristianismo na qual “ninguém acreditava que Jesus era divino”. As provas históricas indicam o contrário.

6. O QUE ACONTECEU EM NICEIA E QUAL FOI O PAPEL DE CONSTANTINO?

O estabelecimento de Jesus como “O Filho de Deus” foi oficialmente proposto e votado pelo Concílio de Niceia, isto é, a divindade de Jesus foi o resultado de uma votação, e uma votação que conseguiu vencer por pouco.

É verdade que Constantino convocou o Concílio de Niceia em 325. Contudo, não é verdade “que ele fosse pagão toda a vida, e só baptizado no leito da morte, quando estava demasiado fraco para protestar”.

A política de Constantino era unir a Igreja Cristã com o estado secular. Ele fez o possível por conciliar pagãos e Cristãos. É difícil dizer ao certo quando ele se converteu. É verdade que só foi baptizado pouco tempo antes da morte – mas o adiamento do baptismo era vulgar naquele tempo. As suas políticas foram fortemente cristãs desde o princípio.

Constantino convocou o Concílio de Niceia principalmente para terminar com a desunião e a controvérsia causada pela questão Ariana.

Ario ensinava que embora Jesus fosse o Filho de Deus era menor que o Pai. Era um deus menor (o mais equivalente hoje seriam as testemunhas de Jeová).

No Concílio estiveram provavelmente entre 220 e 250 bispos. O credo Ariano foi rejeitado. Foi elaborado o Credo Niceno com quatro anátemas anti-Arianos inter-ligados. Isto foi aceite por todos os bispos, excepto dois (i.e. mais de 99% a favor). Eles declararam que Jesus era o Filho de Deus, “gerado e não feito, da mesma substância (*homousios*) do Pai”.

Jesus foi encarado como o Filho de Deus, desde os primórdios. A discussão em Niceia não era sobre se ele era o Filho de Deus, mas sim se Ele era da mesma substância do Pai, ou se era um Deus menor.

A votação não foi “ganha dificilmente” mas foi por maioria esmagadora a favor do credo ortodoxo.

Nem é verdade dizer que “a Bíblia, tal como a conhecemos hoje, foi compilada pelo Romano pagão, imperador Constantino o Grande”. O imperador não teve absolutamente nada a ver com a fixação do Cânon das Escrituras. O cânon foi perfeitamente fixo e aceite no IV século. Os evangelhos gnósticos nunca estiveram entre os livros, a serem considerados para o cânon, pela Igreja primitiva. Foram escritos um século tarde demais para poderem ser atribuídos às pessoas que invocam (Tomé, Filipe ou Maria Madalena).

Mesmo o “líder” gnóstico do II século, Marcião, não os menciona como parte do seu cânon, mas apenas os livros encontrados no habitual Novo Testamento. Esta é a prova mais forte possível de que os chamados “evangelhos gnósticos” não existiam, nesta época.

O “Código Da Vinci” não produz nem retalhos de evidências de uma forma de Cristianismo anterior àquela que encontramos no nosso Novo Testamento.

Se o “Código” apenas pretende ser uma novela, tudo bem. Se proclama ser baseado em erudição, é imaginário, absurdo e acaba por cair no ridículo. É outro “mito”. Torna-se num mito gnóstico do séc. XXI.

7. QUAL É A VERDADE?

O Novo Testamento é mais para apresentar os factos acerca da pessoa de Cristo do que para tentar dar-lhes explicações. Os Evangelhos indicam que o Cristo histórico proclamava de si próprio ser ao mesmo tempo divino e totalmente humano (ver “Questões da Vida”, capítulo 2).

Os Evangelhos, os Actos e as Epístolas manifestam claramente que era assim que os primeiros cristãos acreditavam. A tarefa da Igreja inicial era trabalhar e expressar em termos precisos a verdade teológica implicada por esses factos.

O apóstolo Paulo e os primeiros escritores cristãos estavam mais preocupados em insistir nesta realidade dupla, a divindade e a humanidade de Cristo, do que em tentar inter-relacioná-las.

Foi só quando distorções unilaterais da verdade começaram a aparecer – tais como a visão gnóstica de que não havia um autêntico assumir do humano – é que os apologistas do II século começaram a elaborar as implicações da encarnação.

As primeiras controvérsias foram finalmente acalmadas no Concílio de Calcedónia em 451 d.C., com a fórmula “... um e o mesmo filho... perfeito em humanidade, Verdadeiro Deus e verdadeiro homem, semelhante a nós em tudo, excepto no pecado”.

Isto foi aceite como a definição clássica da crença Cristã ortodoxa.

A verdade é que Jesus morreu pelos nossos pecados e que o perdão é possível. Ele ressuscitou dos mortos e a morte foi vencida.

Estes factos transformaram a vida dos primeiros Cristãos. Foi uma mensagem pela qual os apóstolos e milhares de outros se dispuseram a sofrer, a ser torturados e mortos. Foi uma mensagem que transformou o mundo antigo e continua a transformar o mundo de hoje.

8. COMO HAVEMOS NÓS DE RESPONDER?

“Conjuro-te, pois, diante de Deus, e do Senhor Jesus Cristo, que há-de julgar os vivos e os mortos, na sua vinda e no seu reino, que pregues a palavra, instes, a tempo e fora de tempo, redarguas, repreendas, exortes, com toda a longanimidade e doutrina; porque virá tempo em que não sofrerão a sã doutrina; mas, tendo comichão nos ouvidos, amontoarão para si doutores, conforme as suas próprias concupiscências; e desviarão os ouvidos da verdade, voltando às fábulas. Mas tu, sê sóbrio em tudo, sofre as aflições, faze a obra de um evangelista, cumpre o teu ministério.”
(2 Timóteo 4: 1-5)

Estas podem ter sido as últimas palavras faladas ou escritas pelo apóstolo Paulo – certamente algumas das últimas que permaneceram.

Primeiro não devemos ficar surpreendidos.

“Porque virá tempo em que não sofrerão a sã doutrina; mas, tendo comichão nos ouvidos, amontoarão para si doutores, conforme as suas próprias concupiscências; e desviarão os ouvidos da verdade, voltando às fábulas.”
(vs. 3 e 4)

Houve mitos desde os primórdios, e de tempos a tempos, aparece numa nova versão. O “Código Da Vinci” é outro mito.
Em segundo lugar, convém estar-se preparado.

“Que pregues a palavra, instes, a tempo e fora de tempo, redarguas, repreendas, exortes, com toda a longanimidade e doutrina.”
(v.2)

É justo, tendo certos factos ao nosso dispor, que possamos apontar as imprecisões e a falta de lógica – não com rudeza, mas com paciência.

Terceiro, devemos manter-nos envolvidos de modo que assegure que a verdade vem ao de cima.

A resposta às trevas é a luz. Assim, o apóstolo Paulo diz “pregar a palavra “ (v.2) e “fazer o trabalho de um evangelista” (v.5).

A verdade acerca de Jesus é muito mais maravilhosa e mais excitante do que os mitos.

Os mitos não têm poder para mudar vidas. Só a mensagem do Cristianismo tem o poder que pode libertar as pessoas da heroína e do excesso de álcool, de reconciliar maridos com esposas, pais com filhos e de mudar comunidades.

Os mitos são mortalmente insípidos em comparação com o Cristianismo clássico, como G. K. Charleston diz:

“Muita gente caiu no hábito insensato de falar da ortodoxia como algo pesado, monótono e seguro. Nunca houve nada tão perigoso e tão excitante como a ortodoxia. Era saudável: e ser são é mais dramático do que ser louco... cair nalgumas dessas armadilhas abertas, do erro e do exagero, que moda após moda, e seita após seita aparecem ao longo do caminho histórico da Cristandade – é na verdade muito simples. É sempre fácil cair; pode-se cair de vários ângulos, mas há apenas um ângulo onde permanecer firme. Ter caído em alguma das fantasias do gnosticismo à Ciência Cristã, seria de facto óbvio e domesticado. Mas tê-los evitado a todos torna-se uma aventura em turbilhão.

*O sermão completo de Nick Gumbel está disponível no website htb.org.uk.
Uma transcrição em livrete está a ser preparada para publicação, na Grã-Bretanha.*

Trad. J. B.